



# AH

## ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação  
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 74-75

---

SUSANA CORREIA (1955-2021) *IN MEMORIUM*

SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PÃO - ARMAZENAMENTO MEDIEVAL  
E MODERNO EM PORTUGAL

---

Título

**Arqueologia & História**

**13ª Série**

Volume

**74-75**

Ano de Edição

**2025**

Ano Associativo AAP

**2022-2023**

Edição

**Associação dos Arqueólogos Portugueses**

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

**José Morais Arnaud**

Coordenação

**José Morais Arnaud e César Neves**

Design gráfico

**Paulo Freitas**

Fotografia da capa

**Escavações em BRA77A, que se prolongaram em 1978, sob a direcção de Susana Correia e João Castro**

Impressão

**Europress, Indústria Gráfica**

Tiragem

**250 exemplares**

Depósito legal

**73 446/93**

ISSN

**0871-2735**

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

# ÍNDICE

- 5 Editorial  
José Morais Arnaud

## **SUSANA CORREIA (1955-2021) IN MEMORIUM**

- 9 Apresentação  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 11 Susana Correia / primórdios do Campo Arqueológico de Braga (1977/1978)  
Francisco Sande Lemos
- 21 Uma mulher do Norte, em trânsito para o Alentejo  
António Carlos Silva
- 27 Década de 80: alegria do trabalho num sopro de nostalgia  
Teresa Marques
- 31 À Susana, uma serena viagem para Ítaca  
Maria Filomena Barata
- 35 Legado de Susana Correia aos jovens arqueólogos  
Jacinta Bugalhão
- 49 “*Informação Arqueológica*”. Um boletim de e para a divulgação da Arqueologia Portuguesa  
Carlos Boavida
- 61 Susana Helena Bastos Correia da Fonseca (1955-2021), antiga aluna, amiga de sempre, cidadã empenhada: a nostalgia do Sul  
Vitor Oliveira Jorge
- 65 Degebe em Alqueva: 1998-2001  
Ana Sofia Antunes, Consuelo Gómez Granel, Lidia Virseda Sanz
- 83 A Rua do Sembrano. Um caso paradigmático de Arqueologia Urbana na cidade de Beja  
Carolina Grilo
- 95 Susana Correia e o projeto do Museu de Moura  
Santiago Macias
- 99 Memórias  
Susana Lopes
- 103 Lembrando a Susana  
Eduardo Pires de Oliveira
- 107 Susana. Memórias, Encontros e Partilhas  
Ana Isabel Palma Santos
- 109 Susana Correia e o Museu Municipal de Arqueologia de Serpa  
Ana Sofia Antunes
- 117 Para uma bibliografia da Susana Correia  
Manuela de Deus

## **SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PÃO – ARMAZENAMENTO MEDIEVAL E MODERNO EM PORTUGAL**

- 125 Colóquio – “Silos, matamorrás e covas de pão – Armazenamento Medieval e Moderno em Portugal”  
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida, João Marques, Teresa Marques
- 127 Os silos Medievais da *Villa* Romana da Sub-Serra da Castanheira do Ribatejo  
Luísa Batalha, Guilherme Cardoso, Mário Monteiro
- 137 As “covas de pão” de Carnide: um grande celeiro às portas da Lisboa medieval  
Ana Caessa, Nuno Mota

- 157 Silos Medievais de São Vicente de Fora – Lisboa  
Nuno F. Poínhas Pires
- 167 Problemáticas em torno da gestão de um espaço ao longo de dois séculos: os silos medievais do Largo da Atafona – Lisboa  
Vasco Noronha Vieira, Tiago Pereira, Vanessa Filipe, José Pedro Henriques, Dário Neves, Marina Carvalhinhos
- 177 Silos Medievais no Núcleo Histórico de Almada: tipologias e seu contexto  
Sérgio Manuel Peleja Rosa
- 195 *Quem Guarda, acha!* Os silos medievais do Centro Histórico de Moura  
Vanessa Gaspar

## **ARTIGOS**

- 215 Lâmina de machado, pré-histórica, no culto ibérico a Júpiter?  
Mário Varela Gomes
- 221 As antiguidades romanas em Júlio de Castilho: os casos particulares do teatro e das termas dos Cássios  
Lídia Fernandes, Carlos Cabral Loureiro
- 239 Arqueolog(IA). O uso da Inteligência Artificial na prática e na teoria arqueológica  
Daniel Carvalho
- 247 Francisco Santana. O olisipófilo e o periódico *Olisipo*  
Eunice Relvas
- 253 Contar 30 Anos. A actividade da Comissão de Estudos Olisiponenses (1994-2024)  
Carlos Boavida

## **RELATÓRIOS**

- 263 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2022  
José Morais Arnaud, Luís Raposo, Andrea Martins, José Barreto Domingos, Mariana Diniz
- 271 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2023  
José Morais Arnaud, Luís Raposo, Andrea Martins, José Barreto Domingos, Mariana Diniz
- 279 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2022  
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 283 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2023  
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 287 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2022  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 291 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2023  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 293 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2022  
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 297 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2023  
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 301 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do ano 2022  
Lina Oliveira
- 303 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do ano 2023  
Lina Oliveira
- 305 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2022  
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves
- 313 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2023  
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

# À SUSANA, UMA SERENA VIAGEM PARA ÍTACA

Maria Filomena Barata

barata.filomena@gmail.com



Figura 1 – Calçada de Miróbriga com Capela de S. Brás ao fundo.

Não me é fácil fazer um testemunho de homenagem a uma grande companheira de vida e trabalho. Nada poderá caber nas simples linhas que aqui partilharei.

Conheci a Susana em Grândola, em 1983.

Ali visitámos sítios, percorremos estradas e veredas de um Alentejo que ambas aprendemos a conhecer cada vez melhor. O seu percurso, foi, contudo, ainda mais forte e intenso do que o meu com esse território. Aí viveu, até que a sua viagem entre nós terminou.

Desde o momento em que a conheci, a minha vida profissional, mas também pessoal, pois amigas nos tornámos, cruzou-se sempre com ela.

À Susana agradeço tanto que a vida me deu e tudo o que com ela cresci. Também não tenho palavras para o dizer.



Figura 2 – Com Susana Correia em Miróbriga, 1991.

Em 1985, após a experiência vivida em Grândola, deu-se o nosso reencontro no Departamento de Arqueologia, ainda instalado no Mosteiro dos Jerónimos, para onde tive a sorte de ser requisitada, dando início a décadas de trabalhos em que nos reencontrámos sempre, apenas com curtos intervalos de menor proximidade.

Recordo-a sempre ativa, no Departamento de Arqueologia, não podendo deixar de lembrar o seu envolvimento direto com a «Informação Arqueológica», numa partilha constante do conhecimento, ainda num tempo em que o computador não nos assistia. Contudo, a esta fase da sua vida profissional não me prenderei, pois dois testemunhos desta jornada sobre essa fase refletirão.



Figura 3 – Susana Correia, Ana Isabel Santos e Filomena Barata. Departamento de Arqueologia / Museu Nacional de Arqueologia, 1985.

Em 1986, participei, sob a coordenação de Susana Correia, nas escavações na Rua do Sembrano, Beja, sítio que a Susana nunca abandonou, construindo em seu torno um projeto cultural, coisa que, aliás, a caracterizava sempre que se envolvia com algo, pois acreditava firmemente na função social da Arqueologia e do Património Cultural.

Do sítio arqueológico e seu programa de valorização ouviremos falar nesta sessão, motivo porque não me prenderei também, testemunhando apenas que, apesar das várias vicissitudes e períodos de interregno, a Susana sempre manteve o sonho de o local se poder a vir a tornar num espaço de interpretação da malha urbana de Beja, coisa que felizmente veio a acontecer, em 2009, com a inauguração do Núcleo Museológico da Rua do Sembrano, e a exibição do espólio recolhido no local. Muitas outras ações se continuarão, e, recordo a última vez que nos encontrámos, exatamente em torno de um ciclo de conferências

O local manteve a sua função primordial do conhecimento da malha urbana de Beja, sendo também, até hoje, um polo cultural da cidade.

Em 1988 e 1989, com a coordenação de António Cavaleiro Paixão, desenvolveram-se ações de valorização e trabalhos de escavação na estação arqueológica de Troia, em que pude participar.

A Susana, embora não estando diretamente ligada a este sítio arqueológico, proporcionou a colaboração da equipa do Museu de Beja, através do seu diretor José Carlos e de Leonel Borrela, na escavação e registo de algumas sepulturas da basílica paleocristã.

## 1. PROJETO DE VALORIZAÇÃO DE MIRÓBRIGA

No seguimento da sua entrada para o ex-Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul do IPPC, a Susana Correia fez uma proposta de intervenção para este Sítio Arqueológico, em que se propunham uma série de medidas, de curto e médio prazo.

Em 1987, apresentou aos então “Serviços Regionais de Arqueologia do Sul, um documento sobre “A Valorização de Miróbriga”, tendo sido publicado, nesse mesmo ano, “O Sítio Arqueológica de Miróbriga. Santiago do Cacém – Balanço de uma Investigação e Perspetivas de Intervenção Futuras”, nos *Anais da Real Sociedade Arqueológica Lusitana*, Santiago do Cacém.

Aí inicie, a seu convite, uma estreita colaboração conjunta em Miróbriga, que durou até 1997, momento em que a Susana Correia foi requisitada para a Câmara Municipal de Cuba, tendo eu assegurado os trabalhos dos anos seguintes em Miróbriga.

Em 1990, apresentámos em parceria um plano de trabalho que tinha em vista a Valorização de Miróbriga, tendo-se optado por fazer um «Plano de Gestão» e «Planos de Ação» periódicos. Tentámos também, em todos os trabalhos que efetuámos em Miróbriga, que o sítio pudesse integrar uma rede de bens patrimoniais regionais.

Relativamente a Miróbriga, numa primeira fase, a prioridade foi dada às questões relacionadas com a conservação do sítio, que se encontrava em fase de quase abandono, findas as escavações da equipa luso-americana, que aí escavara na década de 80.



Figura 4 – Susana Correia em Miróbriga, 1991.

No «Projeto de Valorização» apresentado, em 1990, fazia-se um balanço sucinto de todas as anteriores intervenções, apresentava-se um conjunto de ações a implementar e era feita uma sistematização dos principais objetivos.

Foi ainda desenvolvida uma série de atividades que visava fundamentalmente a criação de infraestruturas de apoio ao visitante, através da recuperação da capela quinhentista de S. Brás, em Miróbriga.

Nesse contexto, em Julho de 1990, inaugurou-se nesse local uma exposição sobre «Miróbriga no Mundo Romano» e realizou-se um espetáculo no *forum*, que pretendiam sensibilizar o público para a importância de Miróbriga.

Ainda nesse ano e seguintes continuou-se o trabalho de inventariação dos materiais arqueológicos provenientes de anteriores escavações que se encontravam depositados em Miróbriga e fizeram-se algumas ações que tinham em vista a preservação do Sítio.

Vários foram os documentos que apresentámos, doravante, em conjunto, visando uma maior sensibilização para este sítio arqueológico.

Foram assim planeados inúmeros trabalhos de conservação e restauro, coordenados por técnicos desta área, Antónia Tinturé e Joaquim Garcia, mediante o levantamento prévio das inúmeras situações que necessitavam desse tipo de intervenção. Miróbriga, pelas características das intervenções de «restauro» a

que foi sujeita em períodos anteriores, funcionando como que um «laboratório» de experiências nessa área, levantava-nos bastantes questões, quer do ponto de vista ético, quer científico, no que respeita às reconstituições cenográficas aí efetuadas, motivo pelo que, desde o início da nossa intervenção, sentimos sempre a necessidade de trabalhar em equipa com os técnicos de conservação e restauro.

Os trabalhos de conservação e restauro iniciaram-se na área das termas, uma vez que, apesar de se tratar de um dos conjuntos melhor conservado em território nacional, apresentava graves problemas que podiam pôr em causa a conservação do conjunto: hipocausto, pavimentos e paredes. Paralelamente aos trabalhos de conservação e restauro. Foram feitas escavações que permitiram conhecer melhor as áreas a intervir.

Foi ainda feita uma consolidação do lado poente da ponte romana, cujo arco apresentava uma brecha, confirmando-se que este imóvel tinha sido já previamente «restaurado» porque eram visíveis cimentações modernas. Para a consolidação integral desta construção foi feito um aturado estudo e levantamento prévio, bem como trabalhos de escavação.

Em 1990, é publicada a 1.ª Edição. Instituto Português do Património Cultural, Departamento de Arqueologia. Lisboa com texto Susana Correia, sendo feita, em 2001, uma 2ª Edição revista, publicada pelo Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR).

## **2. MIRÓBRIGA E A COMUNIDADE – CICLO DE CONFERÊNCIAS DO CLUBE EUROPEU DE ARQUEOLOGIA. SANTIAGO DO CACÉM. 1992**

Foi criado, na Escola Secundária de Santiago do Cacém, o Clube Europeu de Arqueologia que passou a colaborar nos trabalhos arqueológicos de Miróbriga. Em articulação, foram criados vários elementos de divulgação do sítio arqueológico, designadamente a edição da brochura “Miróbriga no Mundo Romano”, visando a população escolar, e elaborou-se o texto de apoio “O que é a Arqueologia?”. Foram ainda publicados em conjunto alguns artigos sobre a necessidade de uma nova abordagem da arqueologia no ensino secundário.

A organização de um ciclo de conferências sobre a “Arqueologia no Litoral Alentejano” com a participação de especialistas de vários períodos cronológicos foi um momento importante para o envolvimento da comunidade escolar e em geral.

Simultaneamente, ativaram-se vários mecanismos de promoção deste Sítio Arqueológico, através da edi-

ção de materiais de divulgação e encetaram-se contactos com a Secretaria de Estado do Turismo, no sentido de Miróbriga ser integrada em circuitos turísticos.



Figura 5 – Inventário dos materiais arqueológicos.

### 3. OS ITINERÁRIOS ARQUEOLÓGICOS DO ALENTEJO E DO ALGARVE

As negociações que deram origem aos «Itinerários Arqueológicos do Alentejo e do Algarve» culminaram com a assinatura, em Miróbriga, em Novembro de 1994, de um acordo entre a Secretaria de Estado da Cultura, através do IPPAR, e a Secretaria de Estado do Turismo, através do Fundo de Turismo, que tinha como objetivo a criação de «Itinerários Arqueológicos no Alentejo e Algarve». Para essa ocasião foi feita, em Miróbriga, uma pequena exposição e foi editada uma brochura onde se explicitavam os objetivos desse acordo e onde se apresentavam sumariamente os programas de valorização existente para os Sítios Arqueológicos que integravam o programa.

Este Programa, que, em termos gerais, visava criar condições para a dinamização dos Sítios Arqueológicos, através do seu melhor conhecimento, preservação e valorização e ainda da criação de infraestruturas de acolhimento público e de interpretação dos monumentos selecionados, contemplava os seguintes Sítios Arqueológicos: Ruínas de Miróbriga, Santiago do Cacém; *Villa* romana de Pisões, Beja; Povoado pré-histórico de Santa Vitória, Campo Maior; *Villa* romana de Santa Vitória do Ameixial, Estremoz; Campo Arqueológico de Mértola *Villa* romana de S. Cucufate, Vidigueira; *Villa* romana de Torre de Palma; Monforte; Parque Arqueológico do Escoural, Montemor-o-Novo e Évora; Parque Arqueológico do Castro da Cola, Ourique; *Villa* romana de Milreu, Faro; *Villa* romana da Abicada, Portimão; Monumentos megalíticos de Al-

calar, Portimão; *Villa* romana do Cerro da Vila, Loulé.

Os objetivos gerais do programa eram:

- Estudar, recuperar, valorizar e divulgar.
- Integrar os sítios arqueológicos em circuitos turísticos.
- Fomentar o aproveitamento de recursos culturais para o desenvolvimento do território
- Despertar a necessidade de salvaguardar e proteger o património.



Figura 6 – Assinatura dos “Itinerários Arqueológicos do Alentejo e do Algarve”, Miróbriga, 1994.


Novo reencontro tivemos, quando em 1999, iniciiei a minha a minha colaboração direta com a Direção Regional do IPPAR, Évora, mediante concurso público.

Foram tantos os encontros que não cabem neste meu pequeno testemunho, mas a Susana continuou a trabalhar no seu querido Baixo Alentejo, quer dinamizando projetos, sob sua coordenação, quer nas suas tarefas como técnica superior da Direção Regional da Cultura do Alentejo.

Saliento, inseridos nos Itinerários Arqueológicos do Alentejo e do Algarve, o seu acompanhamento empenhado dos projetos de valorização da *villa* romana de Pisões, Beja, e do Circuito do Castro da Cola a que, infelizmente, o tempo não deu a continuidade e projeção que mereciam.

À Susana um até já, sabendo que continuarei a lembrá-la e a agradecer à vida o facto de me per permitido cruzar-me com ela há 40 anos atrás.





ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863-2025

[www.arqueologos.pt](http://www.arqueologos.pt)